



## Direitos humanos e tecnologia para a universidade pública

Jornal da Universidade / 25 de janeiro de 2024

### Artigo | Pedro Telles da Silveira, professor de História, reflete sobre a experiência de orientar uma bolsista de pesquisa que conquistou menção honrosa no Salão de Iniciação Científica

\*Por Pedro Telles da Silveira

\*Ilustração: Maria Eduarda Pacheco Fernandes/Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

Certamente eu estava apreensivo ao longo de toda a tarde, mas realmente fiquei nervoso quando começou a premiação das menções honrosas e destaques do XXXV Salão de Iniciação Científica. Conforme era chamada cada uma das categorias, não sabia em que situação Maria Eduarda Kossatz Leal, bolsista do Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado (Luppa), do Departamento de História, seria convocada a comparecer ao palco. O chamado para receber a menção honrosa apenas corroborou minha impressão daqueles dias: o Salão de Iniciação Científica é mais difícil como orientador do que havia sido, na minha lembrança, como autor.

Pessoalmente, a menção honrosa a Maria Eduarda é algo muito significativo. Apesar de ter gostado das minhas três apresentações em salões de Iniciação Científica e ter aprendido muito com a oportunidade que o evento nos oferece, nunca ganhei qualquer tipo de destaque. Trata-se da primeira bolsista de Iniciação Científica que oriento, de modo que a maratona daqueles dias já está marcada em minha trajetória como motivo de muito orgulho. Fazê-lo, por fim, junto a uma orientanda que tão cedo supera seu orientador é apenas mostra do que considero mais positivo numa relação docente, além de ressaltar todos os méritos e a capacidade que Maria Eduarda tem demonstrado desde que iniciamos nossa colaboração em outubro do ano retrasado.

A premiação é também uma validação para a pesquisa. Na bolsa, como parte do Luppa, desenvolvemos o projeto “Técnicas da evidência histórica: giro forense, tecnologia e direitos humanos na contemporaneidade”. O projeto busca compreender quais são os usos da categoria “evidência” na atualidade, sobretudo por meio da inter-relação entre conhecimento histórico, tecnologias de imagem e o campo dos direitos humanos. A relação entre as áreas pode parecer inusitada, mas, nas últimas décadas, o ativismo em direitos humanos não apenas expandiu o escopo temporal de sua atuação, reinterpretando violências passadas como violações dos direitos humanos (e, logo, se aproximando da história), como também adotou uma série de técnicas que ultrapassam o campo do testemunho. Muitas dessas técnicas têm inspiração forense e utilizam tecnologias de ponta para determinar o que aconteceu, quando aconteceu e quais as consequências desses atos, na sua maioria violentos. O que a história tem a dizer sobre isso?

A noção de “evidência” é central para diferentes práticas e discursos contemporâneos – basta lembrar do papel dessa palavra no combate à pandemia e seus negacionismos. Entretanto, não há nada de “evidente” na evidência. A palavra tem uma longa trajetória no campo da escrita da história, mas, conforme o próprio conhecimento histórico se tornou capaz de estudar o presente, aproximou-se, por sua vez, do campo dos direitos humanos. O objetivo do projeto é perguntar o que acontece com a história nessa situação e como nós, enquanto historiadoras e historiadores, podemos contribuir com o conjunto de ativistas, representantes de movimentos sociais, advogados, juristas, médicos, antropólogos, arquitetos, arqueólogos e outros profissionais que já mobilizam seu saber para dizer o que aconteceu – e buscar reparação e justiça por tais violências.

*A evidência, assim, está sempre em disputa. Nossa pesquisa procura entender essas cadeias da evidência, revidando o dito segundo o qual “contra fatos não há argumentos”. Na verdade, somente existem fatos se há argumentos.*

O projeto “Técnicas da evidência histórica”, parte do Luppa, sonda as consequências para o entendimento do que é o conhecimento histórico, do que são as ciências e os saberes especializados em contextos altamente controversos. Com isso, buscamos romper a fronteira entre as humanidades e as tecnologias. Isso, porém, não para desfazer suas características próprias, mas para ressaltar o que, nos seus usos, permite que elas se combinem. Trata-se de respeitar a dignidade de ambas, assim como de outras práticas e saberes, em dizer a verdade, alguma verdade.

Na sua apresentação, Maria Eduarda articulou essas ideias da melhor maneira que um orientador gostaria: tratando-as como suas. Na apresentação, ela apenas tornou pública a inteligência que demonstra cotidianamente nas atividades da pesquisa, a qual permite que eu aprenda tanto com ela quanto ela, espero, aprende comigo. Foi um prazer testemunhar esse momento – duas vezes.

É também por isso que não poderia encerrar este texto sem mencionar o que é outro dos aspectos mais significativos da experiência do XXXV Salão de Iniciação Científica. Maria Eduarda é aluna do curso noturno de Licenciatura em História e sua premiação é um título que, na minha opinião, deveria ser levado como exemplo para todas as suas e todos os seus colegas que estudam no turno da noite. É comum ouvir das alunas e dos alunos do noturno como sentem que têm uma experiência limitada da Universidade. O ambiente e a estrutura universitários frequentemente lhes são hostis: horários de transporte que diminuem o tempo em sala de aula, bibliotecas e outros aparelhos que não atendem ao turno da noite, um câmpus esvaziado, menos eventos e, por conseguinte, menores oportunidade de viver o que a Universidade deveria lhes oferecer.

Essa condição se reflete em seu acesso às bolsas de Iniciação Científica e a outros auxílios que lhes permitiriam ter maior dedicação à Universidade e, sobretudo, pavimentar a trajetória como pesquisadoras e pesquisadores. Infelizmente é também comum ouvir que a diferença de perfil entre os estudantes do diurno e do noturno seria refletida em sua capacidade, diminuindo o acesso às bolsas de Iniciação Científica justamente daqueles que mais se beneficiariam com elas. A menção honrosa de Maria Eduarda serve para lembrar do que todas as alunas e alunos do noturno são capazes de fazer e, se queremos uma Universidade mais plural, aberta, dinâmica e inovadora, devemos reconhecer as diferentes trajetórias dos nossos estudantes – e lhes oferecer oportunidades iguais de concretizar seu potencial.

Pedro Telles da Silveira é professor do Departamento de História.

*“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”*

### Posts relacionados



Desastres naturais, emergência climática e memória



Refugiados climáticos: desafios, legislação e colonialismo



Internacionalismo e circulação de informação na imprensa operária de Porto Alegre



Moralidade homoerótica na Grécia Antiga

INSTAGRAM

REALIZAÇÃO

CONTATO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

 UFRGS  
SECOM

 UFRGS

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

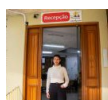
 (51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

### ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



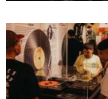
Atuação do NESA-IPH frente às inundações



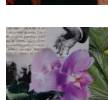
A presença negra num bairro riograndino



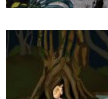
Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

